

22 Não dê tristeza à tua alma, e não te aflijas a ti mesmo no teu conselho.

23 O júbilo do coração êsse é a vida do homem, e um tesouro inexaurível de santidade: E o regozijo do homem é a longura da sua vida. (4)

24 Tem piedade com a tua alma fazendo-te agradável a Deus, e contém-te: Reune o teu coração na santidade do mesmo Deus, e afugenta para longe de ti a tristeza.

25 Porque a tristeza tem morto a muitos, e não há utilidade nela.

26 A inveja e a ira abreviam os dias, e o cuidado fará chegar a velhice antes do tempo.

27 Um coração desassombrado, e bom, está em banquetes: Porque as suas iguarias se lhe preparam com diligência. (5)

CAPÍTULO 31

FADIGA DOS AVAROS. BEM-AVENTURADO O RICO, QUE PERMANECEU NA INOCÊNCIA. GUARDAR MODÉSTIA E TEMPERANÇA NOS BANQUETES. USAR DO VINHO COM SOBRIEDADE.

1 A vigília que se tem para ajuntar bens definhará as carnes e a aplicação a isto tirará o sono.

(4) **O JÚBILLO DO CORAÇÃO** — A alegria é um tesouro de santidade, porque não só aumenta os dias de vida, mas faz com que se pratiquem de boa vontade, e com espiritual consolação, as obras de piedade com tudo o mais que diz respeito à observância da lei; não assim a tristeza, que induz o homem a aborrecer a prática de todo êsse bem, ficando por isso mais exposto à fúria e tropel das tentações.

(5) **UM CORAÇÃO** — O homem disposto no seu coração do modo acima dito, não se trata com miséria, como os mesquinhos; antes, vivendo com a decência devida, conserva melhor a saúde, e acrescenta muitos anos à sua vida.

2 O pensamento inquieto sôbre o que há de suceder traz alienado o sentido, e a enfermidade grave faz a alma sóbria. (1)

3 Trabalhou o rico por ajuntar fazenda, e no descanso do próprio tráfeço será cheio dos seus bens. (2)

4 Trabalhou o pobre defraudando-se do sustento, e no fim acha-se necessitado.

5 Aquêlo que ama o ouro, não será justificado: E aquêlo que vai no alcance da corrupção, será cheio dela. (3)

6 Muitos deram quedas por causa do ouro, e na vista refulgente dêste consistiu a perdição daqueles.

7 Lenho de tropêço é o ouro dos que lhe fazem sacrificios: Ai daqueles que vão após dêle, e todo o imprudente perecerá por êle. (4)

8 Bem-aventurado o rico, que foi achado sem mancha e que se não deixou ir após o ouro, nem esperou no dinheiro, nem nos tesouros.

9 Quem é êste, e nós o louvaremos? Porque fêz coisas maravilhosas em sua vida.

(1) **FAZ A ALMA SÓBRIA** — Ou privando-a do sono, ou fazendo-a cair na conta do mal que fêz, para se emendar. — *Pereira.*

(2) **TRABALHOU O RICO** — Mostra-se nestes dois versos, que não é a indústria dos homens a que os faz ricos, mas sim a vontade de Deus, não esquecendo que Deus disse: Faze tu da tua parte, que eu te ajudarei.

(3) **QUE VAI NO ALCANCE DA CORRUPÇÃO** — Isto é, de coisas caducas e transitórias, como são as riquezas, as dignidades, os passatempos ilícitos, e vaidades mundanas.

(4) **LENHO DE TROPEÇO** — Para os avaros é o ouro um ídolo, que adoram, o qual segundo a intelligência de alguns se chama aqui lenho, por se fazer muitas vêzes de madeira, como consta do livro da Sab 13, 11, e de Is 44, 23. Ora sôbre o ser idolatria a avareza, confira-se a Epístola aos Col 3, 5, e aos de Ef 5, 5.

10 Ao que foi provado no ouro, e se achou ser perfeito, isto lhe servirá de glória eterna: O que pôde transgredir a lei de Deus, e não a transgrediu: O que pôde fazer mal e não o fêz: (5)

11 Por isso os seus bens foram assegurados no Senhor, e tôda a igreja dos Santos celebrará as suas esmolas. (6)

12 Sentaste-te a uma grande mesa? Não sejas o primeiro que sôbre ela abras a tua garganta.

13 Não digas assim: Muitas são as iguarias que há sôbre ela:

14 Lembra-te que é má coisa um olho maligno: (7)

15 Que coisa há entre as criaturas pior do que o olho? Por isso êle banhará de lágrimas todo o seu rosto: Quando olhar, (8)

16 não sejas o primeiro que estendas a tua mão, e notado pela inveja te venhas a cobrir de rubor.

(5) **AO QUE FOI PROVADO NO OURO** — O homem, que faz bom uso das riquezas, que as possui sem apêgo, e as perde sem dor, que se não ensoberbece no meio da opulência com a adulação, podendo pecar a seu salvo, ou sem receio, não peca, e que até na mais abatida pobreza se dá por satisfeito, êste homem, digo, é um dos maiores milagres e prodígios da natureza. — Calmet.

(6) **OS SEUS BENS** — Assim temporais, como eternos, que o guardam depois desta vida. — Menochio.

(7) **UM OLHO MALIGNO** — O olho invejoso do que dá o banquete, não podendo levar em paciência que os convidados lhe façam tanto gasto às suas iguarias. — Menochio.

(8) **QUANDO OLHAR** — Estas palavras do texto grego e na versão Sixtina fazem parte do versículo seguinte: Porém a edição oficial, aprovada pela Santa Sé, e de que se serviu Glaire na edição de 1902, é a de Turim, que as inclui no versículo 15, mas a pontuação as liga ao versículo 16, e o sentido será êste: Quando êle olhar não sejas o primeiro a estender a mão, para que não suceda que êle, excitado pela inveja, te envergonhe aos olhos dos convivas.

17 Não te portes com desatenta sofreguidão no banquete. (9)

18 Por ti mesmo entende o que convém a teu próximo: (10)

19 Usa como um homem temperado, do que se te puser diante: Não suceda que por comeres muito te faças odioso.

20 Cessa de comer primeiro que todos em sinal da tua boa criação: E não te desmandes, para que não suceda vires a cair em falta.

21 E se te assentaste entre muitas pessoas não esendas a tua mão antes delas, nem sejas o primeiro que peças de beber.

22 Assaz bastante é para qualquer homem regrado uma pequena porção de vinho, e quando dormires não terás o sono inquieto, por seu respeito, nem sentirás dor.

23 Vigília, cólera, e ânsias terá o homem intemperante:

24 No homem parco se achará um sono de saúde, dormirá até pela manhã e a sua alma se deleitará com êle.

25 E se fôres obrigado a comer muito levanta-te do meio, vai despejar o teu estômago: E esta descarga te aliviará, e não meterás no teu corpo uma doença. (11)

(9) **NÃO TE PORTES** — Metendo a mão no prato ao mesmo tempo com o dono da casa, ou dando com ela encontrões na sua, como sucede aos que algumas vêzes, comendo com sofreguidão, nem ânimo têm para esperar pela sua vez. — Menochio.

(10) **POR TI MESMO ENTENDE** — Assim como tu desejas, quando admites alguém à tua mesa, que se porte com o devido comedimento e cortesia, do mesmo modo é necessário que te ponhas com igual urbanidade à dos outros. Ou também: Se tu apetecees uma boa iguaria que tens diante, por ti mesmo julga que também fará gosto dela o que está a teu lado, para com toda a generosidade lha cederes.

(11) **SE FORES OBRIGADO** — Podendo acontecer às pes-

26 Ouve-me, filho, e não me desprezes: E no fim reconhecerás a verdade das minhas palavras.

27 Sê pronto em tôdas as tuas ações e não te virá nenhuma enfermidade. (12)

28 Os lábios de muitos bendirão àquele que dá de comer liberalmente, e o testemunho da sua verdade é fiel. (13)

29 Contra o malvadíssimo em dar pão murmurará a cidade, e o testemunho da sua malignidade é verdadeiro.

30 Não provoques a beber àqueles que são amigos do vinho: Porque o vinho perdeu a muitos.

soas mais porcas na comida passar alguma vez os limites da temperança e sobriedade, ou por contemporizar com os convidados ou por uma nímia indulgência para com os amigos, manda-se aqui descarregar o estômago por meio do vômito — Calmet. Este preceito, porém, nada tem com o uso dos romanos, que interrompiam os seus festins, para os recommear de novo. — Vigouroux.

LEVANTA-TE DO MEIO — Dos convidados, ou no meio da sobremesa e no fim do banquete, quando vêm as frutas, e vai aliviar-te do pêso que te oprime. — Pereira.

(12) **E NÃO TE VIRÁ NENHUMA ENFERMIDADE** — Como não só pela intemperança, mas pelo ócio, frouxidão e desídia, se originam muitos achaques ao corpo, daqui vem que todo aquêlle que fôr ágil, ativo, e amante de trabalho se livrará de inumeráveis doenças. — Calmet.

(13) **DA SUA VERDADE É FIEL** — Isto é, o testemunho que derem da sua liberdade e munificência é verdadeiro, como é também o que devem da avareza do malvadíssimo em dar pão. Os que são liberais e muníficos, aquêles que dão banquetes frequentemente, os que socorrem os pobres, êstes tais são amados, e sumamente recomendados. Pelo contrário: O avarento, o malvadíssimo em dar pão, é a fábula e o ludíbrio de tôda a cidade. — Calmet.

31 O fogo prova o duro ferro: Assim o vinho bebido até embriagar dará a conhecer os corações dos soberbos.

32 O vinho bebido com sobriedade é uma segunda vida para os homens: Se tu o beberes moderadamente, serás sóbrio.

33 Que vida é a daquele que se deixa vencer do vinho?

34 Que coisa é a que nos priva da vida? A morte.

35 O vinho desde o princípio foi criado para regozijo, e não para embriaguez.

36 O vinho bebido moderadamente é o júbilo da alma e do coração.

37 A bebida sóbria é a saúde da alma e do corpo.

38 O vinho bebido com excesso traz consigo irritação e ira, e muitas ruínas.

39 O vinho bebido em demasia é a amargura da alma.

40 A animosidade da embriaguez é o tropêço do imprudente, diminui a fôrça, e ocasiona feridas.

41 Em um convite de vinho não argúas ao próximo: E não o desprezes na fôrça da sua alegria: (14)

42 Não lhe digas palavras de impropério: E não o apertes desafiando-o com os teus brindes.

(14) **NÃO ARGÚAS AO PRÓXIMO** — Porque facilmente concebem a ira os que estão esquentados do vinho, e também a desafogam contra os outros. — Menochio.

NA FORÇA DA SUA ALEGRIA — Quando éle pelo muito que tem bebido, tornado mais galhofeiro, profere palavras desentoadas, ou faz ações ridículas. — Menochio.